

TOPOGRAFIA DO TRAUMA: O INCÊNDIO NA BOATE KISS E A DEMARCAÇÃO MEMORIAL EM SANTA MARIA - RS

DANI MARIN AMPARO RANGEL¹; JULIANE C. P. SERRES²;

¹Universidade Federal de Pelotas – damparodani@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Diferentes formas de ação compuseram o cenário do trauma desde o dia seguinte a um incêndio em uma casa noturna no interior do Rio Grande do Sul. Fato que lastimou aproximadamente mil pessoas, dentre essas, cerca de duas centenas de jovens perderam suas vidas. Tratamos dos investimentos memoriais que grupos locais desempenharam ao longo dos anos na cidade de Santa Maria como formas de reação ao acontecimento.

Nossa investigação tem como eixo as condições de ocorrência desses acontecimentos, com ênfase na força memorial de apropriação dos espaços e na própria influência dos espaços nas conformações memoriais (TRUC, 2012). Todos integrando as performances, como práticas de transmissão memorial (TAYLOR, 2003) e de demarcação do espaço da cidade (SCHINDEL, 2009). Tecendo outras relações entre os sujeitos e os espaços por meio destes atos.

A topografia do trauma da Kiss é entendida a partir dos intercâmbios da memória, com seus processos de investimento nos lugares (FLEURY; WAGNER, 2011), com ações de transmissão e compartilhamento (CANDAU, 2015), e as transformações que podem ocorrer em meio a estes percursos (HALBWACHS, 2008). Busca-se então acompanhar esses modos de apropriação e/ou expropriação memorial. Essas formas alternativas de rememoração (ROBIN, 2014) botam em jogo aspectos cruciais da luta pela memória (JELIN, 2017). Então, como forma de acompanhar esses fenômenos, apresentamos e discutimos alguns aspectos dessas demarcações de espaços na cidade.

2. METODOLOGIA

Nossa proposta constitui-se através de pesquisa documental nos meios de comunicação de massa. Tratamos de jornal impresso local, o Diário de Santa Maria e o A Razão em recorte que compreende o período de janeiro de 2013 até dezembro do ano de 2018 e janeiro de 2013 até fevereiro de 2017¹, respectivamente. Os documentos foram consultados no Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, e fotografados em várias incursões. Utilizou-se da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2004) como estratégia metodológica para varredura, organização e codificação dos dados de ambos os periódicos. Constituímos um procedimento de codificação que resultou em duas categorias: a) ações empreendidas em diversos espaços da cidade e b) atos realizados no local do incêndio. Inserindo então os materiais nesse sistema de ordenamento. Para que a partir desse *corpus* pudéssemos identificar as ocorrências e seus vínculos com espaços específicos. Criando então unidades de registro referentes aos pontos da cidade que integram a nossa proposta de topografia. Nossa leitura, dos materiais

¹ Até o encerramento das atividades deste jornal, em funcionamento desde 1934.

está alicerçada em preceitos que entendem esses documentos como testemunhos direcionados de determinada época e condições específicas (FRESH, 2005). Além de ser um empreendimento constituído para o mercado, para vender (CYRRE, 2013), atendendo a diversas expectativas de seus públicos (KOSSOY, 2012). Portanto, sendo necessário um olhar de leitura capaz de manipular e deduzir de forma lógica os conhecimentos necessários (BARDIN, 2004) e condizentes com as nossas questões de investigação (KOSSOY, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A proposta resultou na então topografia, composta por 8 (oito) pontos da cidade que estiveram relacionados e modificados pelos atos desempenhados em diferentes momentos do processo de memorialização. Os pontos elegidos são aqueles que foram ocupados, fosse pela presença efêmera dos sujeitos e/ou pela demarcação por meio de outros suportes.

Alguns desses sítios, talvez a maioria, não respondam mais aos investimentos memoriais que receberam no decorrer desse processo. Outros, estão constantemente em transformação mediante essas presenças. Alguns desses por nós foram visitados, outros representam vazios determinados por suas funções fundamentais. Estes sítios foram ocupados por diversos atos. No entanto, permanência não deve ser sinônimo de sucesso ou qualidade. Demarcações e atos dizem respeito ao contexto do momento em que estão inseridos (CLIFFORD, 2013). Se eventualmente não mais existem, isso pode significar que tiveram suas funções desempenhadas. Não que sejam incursões mal sucedidas. Uma “mania de memória” (DOSS, 2010) tendência a uma sensação de que os lugares devem permanecer sempre demarcados. No entanto, essas mobilizações que aconteceram em seus perímetros, atualmente sem investimentos visíveis e palpáveis, permanecem como indicadores memoriais socialmente compartilhados entre os sujeitos que ali atuaram (TRUC, 2018).

O 1º ponto refere-se as ruas de Santa Maria e pode ser compreendido enquanto um espaço de interação e iteração. Trata-se da rua que recebe esse momento de relação entre os sujeitos (TRUC, 2018), que organizados colocam-se a desempenhar movimentos de transmissão memorial por meio da repetição (TAYLOR, 2003). São marchas, reuniões e caminhadas que além de demarcar momentaneamente esses espaços físicos, ocupam as lembranças daqueles que ali estiveram em uma noite de janeiro de 2013. Mesmo que o sítio não mais responda a isso, sua simbologia permanecerá entre eles.

O 2º ponto refere-se ao local da boate Kiss, entendido como o marco zero do trauma, aquele sítio de ocorrência. Esse é o sítio autêntico (ROBIN, 2014), que pode, ou não, transmitir a memória daquilo que sediou. Todavia, essa significação não é natural, e seu poder de argumentação pode ser utilizado para diversas funções, que dependem de investimentos (FLEURY; WAGNER, 2011). A transmissão memorial decorrente de sua existência e utilização responde as vinculações ideológicas daqueles que o administrem. Assim como o 3º ponto, que se refere ao Centro Desportivo Municipal (Farrezão). Um local utilizado pelas autoridades e espaço para o velório coletivo. Assim como o 1º ponto, foi um espaço de interação e iteração, ocupado naquela mesma noite. No entanto, esse local de travessia, após desocupado deveria retomar sua função primeira de ginásio esportivo. Precisou ser limpo, desinfetado e esterilizado. É um lugar que faz parte da recordação e do trauma direito daqueles que foram obrigados a recorrer-lo. É um lugar que foi visitado por todos os familiares, diferente do interior da boate. É uma

espécie de sítio do trauma, que neste caso, com exceção de uma única noite, nunca mais foi alvo de investimentos memoriais.

Os pontos de número 4 e 5, a Praça Saldanha Marinho e o Ginásio Franciscão são espaços de uso comemorativo. O quarto foi demarcado pela ação dos sujeitos reunidos entorno de ações de resposta rápida ao fato gerador ou eventualmente ponto de protesto. E ambos foram palco de momentos cíclicos de rememoração, a cada dia 27, demarcando a passagem dos meses, ou no mês de janeiro de cada ano. São pontos ocupados e transfigurados por diversas tradições (HALBWACHS, 2008), que se referem as posturas que os sujeitos adotam mediante a eles.

Os pontos 6 e 7 representam uma tipologia de mobilização que teve objetivos contestatórios, com demarcações vinculadas as lutas e reivindicações por justiça direcionadas aos poderes instituídos (ARROYANE, 2019). As ocupações e protestos realizados na Câmara Municipal de Vereadores e no Ministério Público de Santa Maria demonstraram articulações e alcances a distintos agentes públicos e instancias de poder. Foram atos que deram ênfase a acontecimentos e características específicas do percurso das investigações e inquérito. Em sua intensidade e pulsão algumas ações só foram encerradas após negociações entre os manifestantes e os órgãos ocupados.

O 8º ponto diz respeito a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), que encena outros vínculos com o trauma. Os frequentadores dessa instituição depararam-se com ausência de cerca de 100 estudantes vitimados pelo incêndio. Desde logo após o fato adotaram uma postura de homenagem e comemoração, em recorrência ao longo dos anos. Somado a isso, consolidaram o estado da memória dentro dessa comunidade (STURKEN, 1991) por meio da outorga dessas memórias a um novo lugar (FABRI, 2013). Assim propondo a criação de um memorial dedicado à vida na cidade universitária.

4. CONCLUSÕES

Foram diversas as motivações e circunstâncias de apropriação do espaço na cidade Santa Maria. Cada ponto dessa topografia do trauma demonstra a multiplicidade de ações, inclusive simultâneas, que atuaram pela memória e a justiça na localidade. Por meio disso, alguns sítios participaram dos atos e foram desocupados; outros permaneceram em constante utilização; e novos espaços foram criados para receber essas memórias. Poderíamos dizer que esse mesmo rodízio aconteceria entre os sujeitos envolvidos. Por fim, são condições que falam tanto a respeito daqueles que as desempenham, quanto dos locais onde se instalaram.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYAVE, O. Memoria histórica como respuesta a la violencia. In: MOLINA, L. C.; RAMÍREZ, L. A. (org.) **Qué hacer ante el daño que produce la violencia. Reflexiones sobre el mal moral, el resentimiento, la memoria y el perdón.** Medellín: Editorial Universidad de Antioquia, 2019. p. 127-154.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2004. 3. ed.

CANDAU, J. Mémoires partagées? In: LE QUELLEC, Jean-Loic (ed.) *L'Anthropologie pour tous. Actes du colloque d'Aubervilliers.* Paris: L'Anthropologie pour tous, 2015. p. 74-85.

CLIRFFORD, R. **Commemorating the Holocaust. The Dilemmas of Remembrance in France and Italy**. Oxford: Oxford University Press, 2013. 1. ed.
CYRRE, M. R. L. Reflexões sobre o discurso jornalístico: Contribuições para interpretação. **Revista Entrelinhas**, Caxias do Sul, v. 7, n. 1, p. 42-52, jan.-jul. 2013.

DOSS, E. **Memorial Mania. Public Feeling in America**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2010. 1. ed.

FABRI, Silvina. Lugares de memoria y marcación territorial: sobre la recuperación de los centros clandestinos de detención en Argentina y los lugares de memoria en España. **Revista Colombiana de Geografía**, Bogota, v. 22, n. 1, p. 93-108, ene. – jul. 2013.

FLEURY, B.; WAGNER, J. De los lugares de sufrimiento a su memoria. In: FLEURY, B.; WAGNER, J. (Comp.) **Memorias de la piedra: Ensayos em torno a lugares de detención y masacre**. Buenos Aires: Ejercitar la Memoria Editores, 2011. p. 21-43.

FREHSE, F. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, p. 131-156, jul. - dez. 2005.

HALBWACHS, M. **La topographie légendaire des évangiles em Terre saint: étude de mémoire collective**. Paris: Quadrige – Presses Universitaires de France, 2008. 1. re-ed.

JELIN, E. **La lucha por el pasado: Cómo construimos la memoria social**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2017. 1. ed.

KOSSOY, B. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012. 4. ed.

ROBIN, R. Sitios de memoria e intercambios de lugares. **Clepsidra**, Buenos Aires, v. 1, n. 2, p. 122-145, oct. 2014.

SCHINDEL, E. Inscribir el pasado en el presente: memoria y espacio urbano. **Política y Cultura**, México, n. 31, p. 65-87, 2009.

STURKEN, M. The Wall, the Screen, and the Image: The Vietnam Veterans Memorial. **Representations**, Nova York, n. 35, p. 118-142, 1991.

TAYLOR, D. **The archive and the repertoire**. Durham: Duke University Press, 2003. 1. ed.

TRUC, G. Memory of places and places of memory: for a Halbwachsian socio-etnography of collective memory. **International Social Science Journal**, Londres, v. 62, n. 203-204, p. 147-159, jan. 2012.

TRUC, G. **Shell Shocked: The social response to terrorist attacks**. Cambridge: UK and Medford - USA Polity Press, 2018. 1. ed.